



**ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS**

**CAP INT MARCOS RODRIGUES DE MEDEIROS**

**UMA ANÁLISE DOS SISTEMAS DE PROTEÇÃO LOGÍSTICOS NA GUERRA  
DAS MALVINAS**

**Rio de Janeiro  
2019**



**ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS**

**CAP INT MARCOS RODRIGUES DE MEDEIROS**

**UMA ANÁLISE DOS SISTEMAS DE PROTEÇÃO LOGÍSTICOS NA GUERRA  
DAS MALVINAS**

Trabalho acadêmico apresentado à  
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,  
como requisito para a especialização  
em Ciências Militares com ênfase em  
Gestão Operacional.

**Rio de Janeiro  
2019**



**MINISTÉRIO DA DEFESA  
EXÉRCITO BRASILEIRO  
DECEx - DESMil  
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS  
(EsAO/1919)**

**DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Autor: **Cap Int MARCOS RODRIGUES DE MEDEIROS**

Título: **PROTEÇÃO DOS RECURSOS LOGÍSTICOS EM CAMPANHA: UMA ANÁLISE DOS SISTEMAS DE PROTEÇÃO LOGÍSTICOS NA GUERRA DAS MALVINAS**

**Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase em Gestão Operacional, pós-graduação universitária lato sensu.**

**APROVADO EM** \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ **CONCEITO:** \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

<b>Membro</b>	<b>Menção Atribuída</b>
<b>CHARLES DAVIDSON SOARES BITENCOURT - Maj</b> Cmt Curso e Presidente da Comissão	
<b>WAGNER SANTANA DA COSTA - Maj</b> 1º Membro	
<b>JOÃO PAULO DE VASCONCELLOS ACCIOLI DA SILVA - Cap</b> 2º Membro e Orientador	

**MARCOS RODRIGUES DE MEDEIROS – Cap**  
Aluno

**PROTEÇÃO DOS RECURSOS LOGÍSTICOS EM CAMPANHA**  
**UMA ANÁLISE DOS SISTEMAS DE PROTEÇÃO LOGÍSTICOS NA GUERRA DAS**  
**MALVINAS**

**Marcos Rodrigues de Medeiros\***

**Wagner Santana da Costa\*\***

**RESUMO**

O presente trabalho tem como propósito realizar uma breve análise dos sistemas de proteção logística na Guerra das Malvinas, focando principalmente na obtenção dos suprimentos durante a campanha, tanto pelos argentinos, como também pelos ingleses, destacando a importância de se ter uma indústria nacional bélica em um conflito de grandes proporções, assim como a origem desses suprimentos e o domínio da tecnologia dos equipamentos bélicos adotados como forma de proteção dos recursos logísticos de uma nação. A pesquisa baseou-se em relatos históricos contidos em livros, artigos e sites de internet, onde foi realizada uma investigação sobre as causas da vitória britânica no conflito e a consequente derrocada argentina, dando ênfase nos aspectos positivos e negativos relacionados à logística desses países.

**Palavras-chave:** Malvinas, logística, recursos, proteção

**ABSTRACT**

The present work has as a purpose to carry out a brief analysis of the logistic protection systems in the Malvinas War, focusing mainly on obtaining the supplies during the campaign, both by the Argentines, as well as by the English, highlighting the importance of having a national war industry in a conflict of great proportions, as well as the origin of these supplies and the mastery of the technology of the military equipment adopted as a form of protection of the logistical resources of a nation. The research was based on historical accounts contained in books, articles and internet sites, where an investigation was conducted on the causes of British victory in the conflict and the consequent Argentine collapse, with emphasis on the positive and negative aspects related to the logistics of these countries.

**Keywords:** Falklands, logistics, resources, protection

---

\* Capitão do Serviço de Intendência. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2008.

\*\* Capitão do Serviço de Intendência. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2003. Especialização em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2011.

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1972, os ânimos entre argentinos e ingleses se acirraram logo no início do ano, após o governo argentino suspeitar que autoridades da Grã-Bretanha estavam levantando potenciais riquezas dentro das ilhas Malvinas, o que intensificou uma guerra no âmbito diplomático entre os países. Apesar de toda crise instalada naquele ano, os ingleses continuaram em suas explorações, visando, a partir de um momento, as reservas de petróleo que ali existiam.

Como resposta a Argentina resolveu ampliar a pista de pouso, conforme havia sido acordado em 1971 entre os dois países. Porém houve resistência por parte dos ingleses, findando com a ampliação apenas para receber vôos domésticos. Futuramente essa restrição seria decisiva na função transporte da logística durante o conflito.

Os anos que se seguiram até que o conflito se deflagrasse, foram fundamentais na questão da proteção dos recursos logísticos, tendo como exemplo positivo as Forças Armadas Britânicas, e como exemplo negativo a preparação por parte dos argentinos, onde vários de seus principais suprimentos bélicos advinham de outros países aliados à Inglaterra, existindo pouca ou nenhuma proteção sobre seus armamentos e derivados.

Nos anos 80, a Argentina passava por uma crise financeira onde a inflação era altíssima, problemas com pagamentos de fornecedores de armamento era comum, queda no PIB próximo de 12% e o poder de compra de seus cidadãos recuando vertiginosamente. Tudo isso, somado a vontade de dar uma resposta ao povo argentino quanto a soberania do país sobre as Malvinas, serviram de estopim para o início do conflito. Segundo De Souza (2013, p.46):

Quem acompanhava a situação interna argentina, naquele começo de década de 1980, sabe que a nação portenha passava por graves problemas econômicos e de balanço de pagamentos.

Importante ressaltar, porém, que ambos os países erraram em seus pensamentos sobre as Ilhas Malvinas. Do lado inglês achavam que os argentinos não entrariam no conflito armado, sendo considerado apenas o debate diplomático através dos órgãos internacionais para solução do problema. Pelo lado argentino levou-se em consideração que não haveria tanto interesse por parte dos ingleses em

defender a soberania sobre as ilhas, devido à indícios incorretamente avaliados por suas autoridades na época.

Em 1982, a Argentina invadiu subitamente as ilhas Malvinas, que estavam sob domínio inglês. Esse fato de uma forma geral colocou a Argentina em uma posição vantajosa, visto a sua maior proximidade das ilhas, e a surpresa estratégica alcançada na invasão. Porém devido a graves problemas na obtenção e reposição de armamentos, munições e outros artigos bélicos, essa vantagem foi perdida, dentre outros fatores, como consequência de bloqueios comerciais impostos pelos aliados ingleses, assim como a falta de uma indústria bélica própria que suprisse suas necessidades naquele momento.

O estudo da Guerra das Malvinas oferece lições completas no campo logístico, em nível estratégico-operacional e tático. Considera-se que essa guerra abriu as portas para a arte da guerra do século XXI, caracterizada pelo emprego das mais altas tecnologias e pela grande dependência das ações em relação a um enorme aparato logístico.

## **1.1 PROBLEMA**

Verifica-se que “ A contratação e/ou terceirização de determinadas tarefas logísticas permite à F Ter concentrar suas capacidades militares nas atividades finalísticas e, ao mesmo tempo, possibilita que empresas especializadas busquem ampliar sua eficiência e eficácia na prestação do apoio. Todavia, há que se adotar um planejamento suficientemente flexível que possibilite adotar soluções alternativas para fazer frente a uma eventual degradação ou interrupção do fluxo do apoio, além de medidas para garantir a segurança física e jurídica dos recursos humanos empregados.” ( BRASIL, 2018, p. 2-2 ).

Como forma de chegarmos à uma conclusão da importância da indústria nacional bélica e da importância do domínio da tecnologia dos equipamentos e armamentos empregados pelas Forças Armadas da Argentina durante a Guerra das Malvinas, no tocante à proteção dos recursos logísticos, iremos desenvolver a seguinte problemática: a falta de uma indústria bélica nacional e o embargo comercial decretado pela Inglaterra contra com os argentinos, com o consequente corte no fornecimento de recursos logísticos vitais, foi decisivo para a conclusão do conflito?

## 1.2 OBJETIVOS

### OBJETIVO GERAL

- Realizar uma análise da obtenção dos suprimentos logísticos durante o Conflito da Malvinas, abordando a importância da proteção dos recursos logísticos em campanha, principalmente quanto à origem dos materiais e o domínio da tecnologia envolvida.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever a situação logística das Forças Armadas da Argentina as vésperas do conflito;
- Verificar até que ponto a dependência de suprimentos de outros países influenciaram na derrota argentina após o embargo comercial;
- Analisar como uma proteção logística adequada dos suprimentos poderiam ter mudado a história do conflito.

## 1.2 JUSTIFICATIVAS

A disputa pelas Malvinas aconteceu em uma área até então pouco conhecida pelo restante do mundo. Tanto a Argentina quanto o Reino Unido, realizaram esforços grandiosos de guerra, principalmente no que diz respeito à estrutura logística envolvida devido às dificuldades de mobilização, assim como o relevo e o clima da região.

A Guerra das Malvinas foi um conflito que evidenciou inúmeras falhas nos planejamentos táticos e operacionais, principalmente pela lado argentino, em particular da proteção dos recursos logísticos utilizados na guerra.

País que invadiu e tomou as ilhas usando a surpresa estratégica, a Argentina apesar de favorecida não só por ter sido o país invasor, mas como sua localização em relação às ilhas, não conseguiu montar uma estrutura logística adequada para um confronto em larga escala contra os bem preparados ingleses.

Na foto a seguir podemos ter uma ideia da localização das Ilhas Malvinas em relação aos dois países envolvido no conflito, assim como ter uma ideia da distância que cada um precisou percorrer para mobiliar seus aparatos logísticos.



**Figura 1 – As Ilhas Malvinas**

Fonte: Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_das\\_Malvinas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_das_Malvinas)>.

Acessado em: 08 ago. 2019.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa será baseada em um estudo bibliográfico, abordando manuais, artigos, literatura e textos da internet, de forma a pautar a análise a ser desenvolvida nesse artigo.

### 2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Em meados dos anos 80, a argentina vivia sob o comando de um regime militar, no qual devido a desgastes na área econômica e social, enfrentava críticas e denúncias de vários setores da sociedade, quanto à isso De Souza (2013, p.47) diz:

Por outro lado, os incontáveis “desaparecimentos” de subversivos comunistas, ou de meros opositores ao regime,



causavam profundo mal estar na população e serviam de mote para campanhas internas e externas contra o governo. Eram comuns as denúncias de tortura a opositores e as centrais sindicais arquitetavam protestos quase que diários. Ampliava-se o fosso entre militares e civis.

Apesar de possuir Forças Armadas com um poderio considerável na época, vários erros de avaliação no pré-conflito levaram a Argentina a ignorar alguns preceitos fundamentais da proteção logística de seus equipamentos e armamentos utilizadas na campanha, como o domínio da tecnologia e o controle da cadeia de produção. Dentre esses erros de avaliação, talvez o principal tenha sido o pensamento de que a Inglaterra não iria entrar num conflito pelas ilhas Malvinas. Segundo De Souza (2013, p. 52):

Os ingleses não irão novamente à guerra, a não ser para defender diretamente a Inglaterra.

Tal declaração de um tão bem posicionado funcionário diplomático consolidou a ideia de que muito provavelmente a invasão das Malvinas teria excelente chance de ser “aceita” pelos britânicos. Ainda segundo o embaixador, eles não teriam nem dinheiro, nem meios para se opor.

Devido ao regime imposto no país, o governo militar argentino vinha sofrendo diversos embargos econômicos de países contrários à esse estado de exceção. Após a deflagração do conflito, algumas tentativas de acordos diplomáticos foram tentadas pela OEA a fim de colocar um ponto final no conflito. No entanto, após várias negativas por parte da Argentina, os EUA determinaram diversas sanções aos portenhos. Segundo De Souza (2013, p. 117):

O Gen Haig passou a ler as sanções a que a Argentina seria submetida, desde a suspensão de todas as exportações militares (o que não era novidade; já estava em curso desde 1978, pela Emenda Humphrey-Kennedy”, em represália a “violações contra os direitos humanos”, pelas quais eram acusados os militares), até o impedimento de novos créditos e garantias por parte do governo norte-americano. E encerrou o comunicado com a notícia mais impactante: “O presidente também determinou que os Estados Unidos responderão

positivamente aos pedidos de apoio material às forças britânicas.”

Esse apoio dos americanos aos britânicos causou reflexos em diversas áreas da logística, pois além de fornecer mísseis altamente modernos como os ar-ar Sidewinder AIM-9L, os americanos disponibilizaram o uso de seus satélites para comunicação e interceptação das mensagens argentinas durante o conflito. Esse fato demonstrou um dos aspectos negativos da proteção logística argentina nas Malvinas, pois não dominavam essa tecnologia satelital, o que os obrigou a utilizarem satélites russos, muito menos modernos do que os dos americanos. Segundo De Souza (2013, p. 120):

Com o prosseguimento das hostilidades, os norte-americanos passariam a fornecer aos britânicos, pelo menos inicialmente, 100 sofisticados mísseis ar-ar Sidewinder AIM-9L, de última geração, e apoio de informações colhidas por satélite – muito mais precisas e oportunas do que aquelas que a União Soviética proporcionava aos argentinos. As comunicações, via satélite, foram também de grande valia para os britânicos, por sua rapidez e segurança, enquanto complementavam o conhecimento decodificado de todo o tráfego de mensagens argentinas. Por outro lado, a garantia de fornecimento de suprimentos vários e dos combustíveis e lubrificantes necessários tranquilizou os responsáveis pelo planejamento operacional.

No decorrer do conflito o embargo econômico feito pela Comunidade Européia e pela OTAN, fez com que boa parte de armamentos e equipamentos argentinos ficassem em desuso, devido muitas vezes à falta de reposição de peças simples que só podiam ser encomendadas diretamente pelos países fabricantes. Esse problema demonstrou a enorme dependência bélica da Argentina que prejudicou sensivelmente a continuidade por muito tempo no conflito.

Ao se iniciar a guerra das Malvinas em abril de 1982, o fornecimento de qualquer tipo de armamento oriundo de aliados da Inglaterra foi suspenso. A Argentina havia recebido seis dos catorze aviões Super Etendard da França encomendados antes do embargo econômico, assim como cinco mísseis Exocet AM-

39, o restante do pedido foi atrasado acintosamente. Segundo De Souza (2013, p. 50):

A aquisição mais importante tinha sido de 14 aeronaves Super Etendart e de, pelo menos 12 mísseis Exocet para emprego aéreo contra alvos navais. (Ambas encomendas, feitas à França, deixaram de ter sua totalidade de remessa integralizada antes do início dos combates, mas a concretização da adaptação dos mísseis navais de modelo novo, para o lançamento por avião, seria uma das surpresas tecnológicas do conflito).

Esse tipo de míssil usado em conjunto com esses caças, obtiveram excelentes resultados contra a marinha inglesa, afundando o destróyer (Type 42) HMS Sheffield e o navio container Atlantic Conveyor usado no apoio logístico. O navio container foi destruído por ter sido confundido com o porta-aviões Hermes, considerado o capitânia da força tarefa britânica, que navegava próximo a ele.

Com a destruição do Sheffield, o comandante das forças inglesas, contra-almirante John Woodward, determinou que seus dois porta-aviões se mantivessem afastados da zona de ataque dos Super Etendart, pois era sabido que o abastecimento em vôo dessas aeronaves era um problema de difícil solução por parte dos argentinos, e a esquadra inglesa não possuía uma defesa segura contra esses modernos mísseis.



**Figura 2 – Destroyer HMS Sheffieldd após ser atingido por um míssil Exocet**

**Fonte:** Disponível em: < <https://www.cavok.com.br/blog/falklandsmalvinas-exocet-nemesis-da-forca-tarefa/>>.

Acessado em: 20 ago. 2019.

Outro problema na obtenção de armamentos que a Argentina sofreu por causa do bloqueio comercial liderado pela Inglaterra, foi à questão da aquisição de material aeronáutico de Israel. Mesmo a pedidos do Embaixador argentino em negociar novos caças, o governo israelense havia se comprometido a não aceitar nova encomenda de armamento para a Argentina, com exceção do que já havia sido comprado antes do embargo britânico. Sendo assim a Argentina teve que combater em desvantagens em relação aos aviões ingleses durante todo o conflito.

Por ser uma disputa por um conjunto de ilhas, a guerra naval era imprescindível para o sucesso nas batalhas, porém o despreparo da força de submarinos da esquadra argentina mostrou-se evidente e a falta de domínio da tecnologia dos equipamentos que neles eram utilizados se tornou um problema sério para as pretensões futuras. De Souza (2013, p. 162) cita:

Naqueles dias de preparação, estava em Puerto Madryn realizando provas de calibragem do seu telêmetro acústico passivo, com o apoio de alguns técnicos franceses da firma

que havia desenvolvido o equipamento. Contudo, logo que chegou a notícia do desembarque nas Malvinas, os franceses regressaram à França sem concluir os trabalhos.

### 3. DISCUSSÃO

Analisando os fatos que se seguiram antes, durante e após a campanha do conflito das Malvinas, não teria como dizer que a Argentina perdeu o conflito apenas pelas suas deficiências logísticas evidenciadas em vários estudos existentes. Alguns desses pontos com certeza foram fundamentais no desfecho negativo pelo lado dos portenhos, como podemos analisar nesse artigo.

A falta de proteção dos recursos logísticos é, em si, primordial em qualquer campanha bélica que um país venha a realizar. Embargos econômicos são comuns no mundo globalizado, e a necessidade de ser ter o domínio da cadeia de produção de seus principais armamentos e equipamentos é essencial para a proteção da defesa nacional no que tange a logística em campanha.

Podemos citar como exemplo desse sistema de proteção dos recursos logísticos, a compra dos caças Gripen pela Força Aérea do Brasil, no qual só foi viável devido a transferência total de tecnologia empregada pelos suecos, no qual possibilitará a fabricação de 100% do aeronave em solo brasileiro sem dependência alguma da Suécia. Caso isso não tivesse ocorrido, o Brasil poderia incorrer na mesma dependência que os argentinos sofreram em determinados equipamentos como em seus submarinos ou nos mísseis Exocet (considerada a arma mais mortal desse conflito, e que poderia ter mudado drasticamente o resultado da guerra).

Não existia defesa contra esses mísseis por parte das forças britânicas. Imaginemos, por exemplo, esses mísseis atingindo e afundando os porta-aviões da Inglaterra, como os rumos poderiam ter sido diferentes, ou se houvesse domínio da tecnologia sobre os submarinos dando a supremacia da área costeira das ilhas à Argentina.

Difícil imaginar que com quase 28 mil militares, ou seja, quase três vezes o efetivo das forças argentinas envolvidas, além do apoio maciço dos EUA tanto na área de inteligência, como no acesso aos mais modernos armamentos da época, a Grã-Bretanha fosse perder o conflito, porém a falta de planejamento no fluxo e obtenção dos recursos logísticos argentinos ficaram evidentes durante as batalhas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que os relatos históricos falem da bravura com que os argentinos lutaram no conflito das Malvinas contra os competentes soldados ingleses, há de se destacar que por ser considerada uma das primeiras guerras da era moderna envolvendo alta tecnologia e informação, a falta de proteção dos recursos logísticos em campanha, derivados de dependência extrema de peças e mão de obra de países aliados a Grã-Bretanha, além de uma frágil indústria bélica na época, tornaram essa bravura dos argentinos um simples detalhe de uma derrota que não demorou a acontecer.

Fazendo um paralelo com a Doutrina Militar Brasileira, vemos que “A capacidade da base industrial de defesa impacta decisivamente nos planejamentos logísticos. O nível de nacionalização dos Produtos de Defesa (PRODE) (maior ou menor dependência de empresas estrangeiras) deve ser avaliado na relação custo/benefício das aquisições no âmbito do EB, de modo a garantir a sustentabilidade logística ao longo do ciclo de vida dos materiais e não trazer restrições à execução do apoio logístico às operações da F Ter.” (BRASIL, 2018, p. 2-2).



**Figura 3 – Soldados argentinos se rendendo nas Malvinas**

**Fonte:** Disponível em: < [https://www.taringa.net/+info/prisioneros-ingleses-en-las-malvinas\\_12tsiv](https://www.taringa.net/+info/prisioneros-ingleses-en-las-malvinas_12tsiv)>.

Acessado em: 20 ago. 2019.

Esse conflito também pôde ser considerado como o desfecho do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca – TIAR, assinado em 1947 por quase a totalidade dos países das Américas, incluindo aí os EUA e os próprios argentinos. Esse tratado, de uma forma resumida, considerava um ataque a qualquer membro do grupo como um ataque à todos integrantes. Porém os americanos como membro permanente da OTAN e parceiro histórico dos ingleses, escolheram seu lado no conflito e isso afetou de sobremaneira o destino da guerra.

Após a Guerra das Malvinas, um dos maiores ensinamentos colhidos pelo mercado bélico mundial, foi a corrida pelo domínio da cadeia de produção e da tecnologia envolvida a fim de proteger os recursos logísticos em uma eventual campanha. Muitos acordos militares foram revistos, e o mundo passou a formar blocos de apoio mútuo em caso de conflito envolvendo seus países membros.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. Logística Militar Terrestre. EB70-MC-10.238. 1. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2018.

BRAZ, Marcio A. L. A logística militar e o serviço de intendência: uma análise do programa de excelência gerencial do exercito brasileiro. Rio de Janeiro, 2004.

CARVALHO, Diego Bielinski; SÁ, Marco Antônio Vieira; CITTADINO, Rodrigo Cerveira. A Questão das Ilhas Malvinas/Falklands. Rio de Janeiro, 2009.

LAMDABURU, Carlos A. La guerra de Las Malvinas. Buenos Aires: Circulo Militar, 1988.

DUARTE, Paulo de Queiroz. O Conflito nas Malvinas. Rio de Janeiro: Bibliex, 1986.

LIMA, Roberto Luiz Fontenelle. Malvinas/Falkland – Dez anos: Derrota Militar e Vitória Estratégica?. In: Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1992.

MARTINS, Umberto Barbosa Lima. Guerra das Malvinas: Um ponto de Vista Anfíbio. In: Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1984.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à restauração Democrática. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

ROMERO, Luis Alberto. História Contemporânea da Argentina. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

SEINELDÍN, Mohamed Alí. Malvinas, um Sentimento. Rio de Janeiro, Ombro a Ombro, 2004.

THATCHER, Margaret. Discurso: de 3 de abril de 1982. Reino Unido [s.n.], 1982.



VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. Conflito no Atlântico Sul – Parte 1. In: Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1984.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. Conflito no Atlântico Sul – Parte 2. In: Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1985.